

O Hedge "Ser de (se) V(inf.)" em Textos Acadêmicos

Angelina Aparecida de PINA
Faculdade de Letras - UFRJ

Resumo: Este artigo analisa a estrutura *ser de (se) V(inf.)* em português. Para investigar a sintaxe, a semântica e a pragmática dessa estrutura, são aplicadas (a) a noção de construção gramatical, (b) a noção de modalidade como um sistema de dinâmica de forças, incluindo o domínio epistêmico, (c) a noção de *hedge* como uma estratégia de polidez. Baseada nessas noções, esta pesquisa advoga que *ser de (se) V(inf.)* é (i) uma construção gramatical produtiva, que tem uma lacuna que deve ser preenchida com um verbo cognitivo, (ii) um *hedge*, cujo significado é epistêmico e cuja função é preservar a face do leitor/escritor.

Palavras-chave: construção gramatical, modalidade epistêmica, polidez, *hedge*

Abstract: This paper analyses the structure *ser de (se) V(inf.)* in Portuguese. In order to investigate the syntax, semantics and pragmatics of this structure, we applied (a) the notion of grammatical construction, (b) the notion of modality as a force dynamics system, including the epistemic domain, (c) the notion of hedge as a politeness strategy. Based on these notions, we argue that *ser de (se) V(inf.)* is (i) a productive grammatical construction, which has a gap that must be filled with a cognitive verb, (ii) a hedge, whose meaning is epistemic and whose function is to preserve the reader's/writer's face.

Key words: grammatical construction, epistemic modality, politeness, hedge

Resumen: Este artículo analiza la estructura *ser de (se) V(inf.)* en portugués. Para investigar la sintaxis, la semántica y la pragmática de esta estructura, aplicamos (a) la noción de construcción gramatical, (b) la noción de modalidad como un sistema de dinámica de fuerzas, incluyendo el

domínio epistémico, (c) la noción de *hedge* como una estrategia de pulidez. De acuerdo con estas nociones, proponemos que *ser de (se) V(inf.)* es (ii) una construcción gramatical productiva, que tiene una omisión que debe ser completada con un verbo cognitivo, (ii) un *hedge*, cuya significación es epistémica y cuya función es preservar la faceta del lector/escritor.

Palabras claves: construcción gramatical, modalidad epistémica, pulidez, *hedge*

Introdução

Nos textos acadêmicos, a escolha lexical e construcional constitui um importante recurso argumentativo, isto é, para persuadir o leitor de que sua tese é correta ou pelo menos razoável, o pesquisador precisa escolher os itens lexicais e as construções sintáticas mais adequadas para expor seus argumentos.

Tomando como ponto de partida a Teoria das Construções Gramaticais, como proposta por Goldberg (1995), este artigo tem como objetivo analisar e descrever a construção *ser de (se) V(inf.)*, que é um padrão construcional produtivo do português, cujo emprego é muito comum em textos acadêmicos. O foco da pesquisa será as informações sintáticas, semânticas e pragmáticas que essa construção encerra, caracterizando-a como um *hedge*. Embora a sintaxe, a semântica e a pragmática dessa construção sejam intuitivamente percebidas pelos usuários da língua, essas informações ainda carecem de sistematização, de sorte que a construção é deixada de lado pelos compêndios gramaticais e manuais especializados.

O artigo está organizado como segue: a seção 1 destaca as premissas construcionistas relevantes para esta análise, a seção 2 enfatiza a definição de modalidade que norteia esta pesquisa, a seção 3 aponta as principais idéias da Teoria da Polidez, a seção 4 traça um breve histórico da noção de *hedge*, a seção 5 caracteriza a função de indeterminação do pronome *se*, a seção 6 apresenta a análise e a descrição da construção *ser de (se) V(inf.)* e, por fim, a conclusão sintetiza os principais resultados da pesquisa.

1 Gramática das Construções

Nos últimos anos, tem havido um significativo avanço no campo da descrição gramatical a partir do desenvolvimento da Gramática das Construções, de base cognitivista.

A Gramática das Construções adota como unidade básica a correspondência entre parâmetros de forma (informações lexicais, sintáticas e morfofonológicas) e parâmetros de significado (informações semânticas e pragmáticas).

Admitindo que morfemas, palavras, sintagmas e frases são construções, uma vez que são caracterizados por uma forma pareada a um significado e diferem apenas quanto à complexidade interna, a Gramática das Construções postula que não há divisão rígida entre léxico e sintaxe, do mesmo modo que advoga que não há separação entre semântica e pragmática.

De acordo com a teoria construcional, as construções variam em graus de idiomaticidade. Em um extremo do *continuum* de idiomaticidade, encontramos construções mais gerais e abstratas, como a construção *sujeito-predicado*; no outro extremo, encontramos simples palavras e construções em que todas as entradas lexicais são especificadas, mas cujos significados são não-composicionais (ex. *bater as botas*). Entre os extremos, encontramos muitas possibilidades: por exemplo, expressões idiomáticas com lacunas que podem ser preenchidas livremente (ex. *manter x sob controle*), colocações composicionais com ordem fixa das palavras (ex. *teoria e prática*), padrões sintáticos parcialmente produtivos (ex. *estrutura bitransitiva*), padrões sintáticos com morfologia parcialmente especificada (ex. *quem p, q*).

2 Modalidade

Para Talmy (1981, 1988, 2000), a dinâmica de forças é a categoria semântica que mais prototipicamente caracteriza a modalidade, visto que a interação de forças é o aspecto central do significado modal. O autor compreende a semântica da modalidade-raiz como uma dinâmica de imposição de forças e remoção de barreiras, de modo que ‘obrigar uma ação’ é uma instanciação de imposição de força direcionada para x realizar a ação, enquanto ‘permitir uma ação’ é uma instanciação de remoção de uma barreira potencialmente presente.

Fazem parte da dinâmica de forças: uma entidade (Agonista) com tendência intrínseca para o movimento ou para o repouso, e outra entidade (Antagonista) que exerce força contrária ao Agonista, forçando-o a modificar seu estado de atividade.

Partindo da teoria de Talmy, Sweetser (1990) propõe que a modalidade epistêmica é uma extensão metafórica da modalidade-raiz, pois tanto as ações no domínio sociofísico como os processos da razão no domínio epistêmico estão sujeitos a obrigações, permissões e habilidades. Essa proposta baseia-se na idéia de que utilizamos domínios mais concretos/mais básicos experiencialmente para conceptualizar domínios mais abstratos. No domínio da razão, as forças e barreiras são premissas que obrigam, permitem ou impedem uma dada conclusão, uma vez que nossos processos mentais são afetados apenas por premissas disponíveis. As premissas têm *força lógica*, que atua nos processos da razão.

Ao analisar os modais epistêmicos *may*, *will* e *must*, Palmer (1988, p. 61) reconhece diferentes ‘graus’ de modalidade epistêmica. *May* indica um julgamento possível, *will* um julgamento razoável, e *must* o único julgamento possível. Portanto, *will* cai entre o ‘fraco’ *may* e o ‘forte’ *must*. Segundo o autor, o sistema epistêmico de Julgamentos envolve a relação entre o grau de comprometimento do falante e as inferências a partir de outras informações disponíveis (fatos conhecidos /evidências).

3 Polidez

De acordo com Brown & Levinson (1987), a interação humana é governada por princípios de polidez que se refletem nos universais lingüísticos. O método utilizado para desenvolver a Teoria da Polidez é caracterizado pela construção de uma *Pessoa-Modelo* (PM) que consiste em um usuário fluente de uma língua natural dotado de vontade e de duas propriedades especiais - *face* e *racionalidade*. A face consiste de dois tipos de desejos básicos (desejos da face), que todas as PMs sabem que as outras desejam e têm, por conseguinte, interesse de satisfazer-los parcialmente: o desejo de ser aprovado em certos aspectos (*face positiva*) e o desejo de ter liberdade de ação (*face negativa*). A racionalidade é a habilidade de medir diferentes meios para um mesmo

fim, e escolher o meio mais adequado para satisfazer os fins comunicativos desejados.

Certos tipos de atos intrinsecamente ameaçam a face. Os atos de ameaça à face (AAFs) são aqueles que por sua natureza ignoram ou contrariam os desejos da face do ouvinte e/ou do falante. Dada a mútua vulnerabilidade da face, todo agente racional procurará evitar os atos de ameaça à face (AAFs), ou empregará certas estratégias para minimizar a ameaça. As estratégias de polidez utilizadas para minimizar a ameaça do AAF neutralizam o potencial dano à face do ouvinte, indicando claramente que a ameaça à face não é pretendida ou desejada, e que o falante reconhece os desejos da face do ouvinte e deseja que eles sejam alcançados. As estratégias de polidez que minimizam a ameaça à face subdividem-se em: *polidez positiva* e *polidez negativa*.

Nas estratégias para preservar a face positiva do ouvinte, o falante expressa interesse, aprovação ou solidariedade pelos desejos da face positiva do ouvinte. A polidez positiva inclui estratégias como evitar discordância, dar presentes, etc. Nas estratégias para preservar a face negativa do ouvinte, o falante evita pressionar o ouvinte a realizar uma ação futura. A polidez negativa realiza-se por meio de recursos gramaticais, como *hedges*, indeterminação do sujeito, etc.

4 Hedge

Hedge como um termo lingüístico data do início da década de 70, quando Lakoff (1972) publicou seu artigo “*Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts*”. Lakoff não estava interessado no valor comunicativo do emprego de *hedges*, mas estava preocupado com as propriedades lógicas de palavras e sintagmas como *rather, largely, a kind of, e loosely speaking*, em sua habilidade para tornar os significados “mais imprecisos ou menos imprecisos”. Como define o autor (1972, p. 195), o significado dos *hedges* “implicitamente envolve imprecisão (*fuzziness*)”.

Para Rosch (1978), os *hedges* são mecanismos lingüísticos para “codificar” gradações de pertencimento categorial, marcando representantes menos prototípicos de uma categoria. Portanto, uma sentença como “A baleia é **um tipo de** peixe.” é aceitável, uma vez que o *hedge* **um tipo de** flexibiliza as fronteiras da categoria ‘peixe’

(focalizando apenas características periféricas como vive no mar, tem nadadeiras, etc.), permitindo que a baleia seja incluída nessa categoria.

Ao longo dos anos, o conceito de *hedge* foi sendo ampliado, especialmente desde que foi adotado por pragmatistas. Nos dias de hoje, o termo não se restringe apenas a expressões que modificam o pertencimento de um predicado ou sintagma nominal a uma categoria. Em Pragmática, *hedges* são vistos como realizações de estratégias interacionais/comunicativas que se relacionam estreitamente com as noções de polidez e modalidade.

Brown & Levinson (1987) propõem que os *hedges* são estratégias de polidez negativa, sendo utilizados para modificar (atenuar ou intensificar) a força ilocucionária de uma enunciação ou para licenciar a violação das Máximas Griceanas. Em ambos os casos, a motivação para o emprego de *hedges* é o desejo de preservar a face, tanto do ouvinte (evitando a imposição de uma ação) como do falante (evitando comprometimento com a verdade da enunciação).

Segundo Palmer (1988), os *hedges* são exclusivamente elementos instanciadores da modalidade epistêmica, utilizados para modificar o grau de comprometimento do falante com relação à verdade da proposição.

5 Sintaxe do Pronome Se

Em *Dificuldades da língua portuguesa* (1957), Said Ali reconhece a sintaxe do pronome *se* como um problema de difícil solução. Analisando frases como *vende-se este livro* e *aluga-se esta casa*, o autor assinala que o pronome *se* exerce uma função “psicológica” de agente indeterminado. Nessas frases, de acordo com o autor, a ação é psicologicamente atribuída a um ente humano desconhecido ou que não convém nomear (pronome *se*), pois trazem à consciência a idéia de que alguém vende o livro, de que alguém aluga a casa.

Estudando as construções PREP. + SE + INF. sob a perspectiva gerativista, Almeida (1988) propõe que o pronome *se* equivale a um SN lexical e que sua presença, além de possibilitar a inclusão do enunciador, evita a correferência do “vazio” com o sujeito da frase mais alta, se houver. A autora demonstra, ainda, que é possível atribuir caso nominativo ao *se*, de modo que é possível comutar o *se* com SN lexical plural e flexionar o infinitivo.

6 Análise e Descrição

A estrutura *ser de (se) V(inf.)* é uma construção gramatical do português, que encerra informações sintáticas, semânticas e pragmáticas específicas.

Com relação à produtividade, o padrão construcional *ser de (se) V(inf.)* é caracterizado por uma lacuna que deve ser preenchida lexicalmente. Essa construção seleciona verbos cognitivos, que contribuem com o significado da construção, mas também recebem contribuição semântica da mesma, de modo que é preciso uma análise *bottom-up* (do item lexical para a construção) e *top-down* (da construção para o item lexical) para dar conta, por exemplo, do verbo *esperar* que, mais concretamente, significa “estar à espera de”, mas, na construção, significa “presumir”.

Exemplos:

- (1) A rima é antes de tudo - ou melhor, sobre tudo - um fenômeno fonético. Assenta nas realidades fônicas vigentes no meio coletivo. Não **é de esperar** que sobre ela influam, exclusiva e substancialmente, os ideais literários. (CAMARA JR., 1977, p. 87)
- (2) Vamos pensar um momento: se é preciso saber gramática para escrever bem, **será de esperar** que as pessoas que escrevem bem saibam gramática - ou, pelo menos, que as pessoas que sabem gramática escrevam bem. (PERINI, 2002, p. 50)

Na verdade, *esperar* é polissêmico e já apresenta o sentido cognitivo. O que a construção faz é “atualizar” esse sentido cognitivo e não outro.

A construção *ser de (se) V(inf.)* é idiomática, visto que exige uma interpretação modal e, portanto, seu significado não pode ser calculado a partir dos significados de suas partes. A modalidade expressa por essa construção é epistêmica.

Exemplo:

- (1) Volumosa bibliografia, como já se apontou, tem propiciado a investigação em torno da obra pessoana, seja a em versos, seja a

esporádico e um tanto incoerente da oposição fonológica. Em todo caso, **é de notar** que a realização desnasalada da vogal nessa posição é possível para o falante brasileiro. (CAMARA JR., 1979, nota 11, p. 43)

Em (4), Marcuschi sinaliza um questionamento cuja resposta não se baseia em dados concretos, mas sim em um processo racional razoável, ao passo que, em (5), Camara Jr. dispõe de evidências empíricas da pronúncia brasileira. Assim sendo, a qualidade da premissa ou evidência determina o ‘grau’ de certeza ou incerteza sobre a proposição expressa.

A construção *ser de (se) V (inf.)* tem propósitos pragmáticos especiais, pois é um *hedge* utilizado para:

- a) Preservar a face negativa do leitor, evitando impor-lhe uma conclusão e permitindo, inclusive, que ele chegue a uma conclusão diferente.
- b) Preservar a face positiva do escritor, evitando/reduzindo o comprometimento com a verdade da proposição expressa (inclusive caso seja constatado que a proposição estava incorreta).

Exemplo:

- (1) Resta-nos perguntar se teria alcançado seus objetivos a Grammatica Philosophica de J. Soares Barbosa: 1. ser uma “gramática geral”; 2. ser uma “gramática particular”; 3. como tal “ensinar a pronunciar, escrever e falar corretamente”. **É de supor** que não. (SILVA, 1996, p.47)

Em (6), Silva permite ao leitor discordar de sua opinião/conclusão, ainda que utilize esse recurso argumentativo para convencer o leitor de que seu raciocínio é lícito. Ao mesmo tempo, o *hedge* minimiza o risco de perda da face da escritora, caso outro pesquisador venha a apresentar argumentos mais fortes contrários a sua tese.

Como é possível notar, esse padrão construcional ou *hedge* apresenta uma forma não-marcada, instanciada sem o pronome *se*, e uma forma marcada, instanciada com o pronome *se*. A forma marcada é predominante na linguagem informal/oral, enquanto a forma não-marcada é a preferida na linguagem formal, notadamente no meio

acadêmico, ainda que alguns escritores empreguem ambas as formas indiscriminadamente.

Na forma marcada, o pronome *se* é agente indeterminado, pois ocupa a posição de sujeito do verbo cognitivo, haja visto que o sujeito do verbo *ser* e o sujeito do infinitivo são não-correferenciais.

Exemplo:

- (1) A composição com *super* tem como acepção primária a expressão de grau de intensidade. Dessa noção passa-se à noção de intensificação positiva. **É de [se]**, **observar** [que composições com *super* via de regra não funcionam com bases de valor negativo: *super-riqueza*/**superpobreza*, *superinteligente*/**superburro*.], (BASILIO, 1989, p. 89)

Corroborar para essa tese o fato de o verbo cognitivo *notar* pedir um sujeito [+humano] capaz de realizar tal atividade.

Em conformidade com a observação de Almeida (1988), seria possível trocar o pronome *se* por um SN lexical plural e flexionar o infinitivo.

Modificando o exemplo (7):

- (1) *A composição com *super* tem como acepção primária a expressão de grau de intensidade. Dessa noção passa-se à noção de intensificação positiva. **É de vocês observarem** que composições com *super* via de regra não funcionam com bases de valor negativo: *super-riqueza*/**superpobreza*, *superinteligente*/**superburro*.

Mas, a inserção de SN lexical (sujeito determinado) é bloqueada, na medida em que a construção adquiriu função de *hedge* para preservar a face do leitor (estratégia de polidez).

Além disso, de acordo com Talmy (2000), todos os fatores inter-relacionados no padrão de dinâmica de forças (Agonista, Antagonista, tendência intrínseca, etc.) estão necessariamente presentes, explícita ou implicitamente, sempre que o padrão está envolvido. Portanto, o Agonista está presente na forma marcada instanciado como

o pronome *se*, e na forma não-marcada como a posição de sujeito vazia. Enquanto o Antagonista é o corpo de premissas que exerce força lógica sobre os processos da razão do Agonista.

Conclusão

A partir da análise aqui desenvolvida, é possível dizer que o padrão construcional *ser de (se) V(inf)*:

- (a) apresenta grande produtividade (lacuna a ser preenchida com um item lexical - *verbo cognitivo*);
- (b) requer uma interpretação idiossincrásica (*modalidade epistêmica*);
- (c) tem uma pragmática muito específica (função de *hedge* - preservar a face).

Por fim, espera-se que esta pesquisa venha a auxiliar futuras descrições de construções gramaticais da língua, contribua para o avanço teórico cognitivista no Brasil e, de algum modo, sirva como instrumento de apoio para o ensino de gramática do português.

Bibliografia

ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão. **A necessidade de (se) pensar a indeterminação em português**: uma proposta de análise. Comunicação apresentada na PUC - RJ, 1988.

BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1989.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions: a Construction Grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

LAKOFF, George. Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts. **Papers from the Eighth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1972. p.183-228.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva et al. (Orgs.) **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge**. São Paulo: Cutrix/EDUSP, 1988.

PALMER, Frank R. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (Eds.). **Cognition and categorization**. Hillsday/New Jersey: Erlbaum Ass, 1978. p.27-48.

SAID ALI, M. **Dificuldades da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

SWEETSER, Eve. **From Etymology to Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, Leonard. **Force dynamics**. Paper presented at the Conference on Language and Mental Imagery, May 1981, University of California at Berkeley, 1981.

_____. Force dynamics in language and cognition. **Cognitive Science**, n. 2, p. 49-100, 1988.

_____. **Toward a Cognitive Semantics.** Cambridge: The MIT Press, 2000.